



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

FRANCISCA AYANNY PEREIRA COSTA

VIANDAR: HISTÓRIAS QUE AS CIDADES CONTAM

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2026

FRANCISCA AYANNY PEREIRA COSTA

VIANDAR: HISTÓRIAS QUE AS CIDADES CONTAM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes, Universidade Federal do Cariri, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Lotif Araújo
Coorientador: Técnico Paulo Anaximandro Tavares

JUAZEIRO DO NORTE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

C837v Costa, Francisca Ayanny Pereira.

Viandar: histórias que as cidades contam / Francisca Ayanny Pereira Costa. –
2026.
36 f. : il. color.

Monografia (Graduação em Jornalismo) – Instituto Interdisciplinar de Sociedade,
Cultura e Artes, Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do
Norte, CE, 2026.

Orientadora: Profª. Dra. Juliana Lotif Araújo.
Coorientador: Paulo Anaximandro Tavares

1. Jornalismo. 2. Livro-reportagem. 3. Crônica jornalística - Cidades. 4. Narrativa urbana - Juazeiro do Norte (CE) - Cotidiano. 5. Jornalismo literário. I. Araújo, Juliana Lotif (Orient.). II. Tavares, Paulo Anaximandro (Coorient.). III. Universidade Federal do Cariri. IV. Título.

CDD 070.44

FRANCISCA AYANNY PEREIRA COSTA

VIANDAR: HISTÓRIAS QUE AS CIDADES CONTAM

Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Jornalismo, Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes, Universidade Federal do Cariri, requisito para obtenção do grau de Bacharel(a) em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 JULIANA LOTIF ARAUJO
Data: 05/05/2026 16:17:21-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.(a) Dra.. Juliana Lotif Araújo (Orientadora)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Documento assinado digitalmente
 PAULO ANAXIMANDRO TAVARES
Data: 06/05/2026 19:30:34-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Técnico Paulo Anaximandro Tavares (Coorientador)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Documento assinado digitalmente
 IVY FRANCIELLE HIGINO MARTINS
Data: 20/05/2026 13:35:07-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.(a) Dra. Ivy Franciele Higino (Membro)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Documento assinado digitalmente
 MARCELO EDUARDO LEITE
Data: 08/05/2026 22:44:35-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.(a) Dr. Marcelo Eduardo Leite (Membro)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

JUAZEIRO DO NORTE, 18 DE MARÇO DE 2026

Resumo

Viandar trata-se de um livro de fotocrônicas oriundo de um projeto experimental que une Design Gráfico em Jornalismo, Jornalismo e Literatura e Fotografia. A famosa frase de Ferreira Gullar, “A arte existe porque a vida não basta”, relembra a constante humana em superar as limitações e as imperfeições do cotidiano através das produções, sobretudo aquelas desafiadoras. Portanto, um livro não basta. Em tempos de IA otimizando e assumindo tarefas, ler um livro apenas por suas palavras não basta. Viandar se configura, portanto, como uma experiência sensorial ao apresentar crônicas escritas através investigação jornalística e indissociáveis das fotografias sobre três cidades do Ceará (Juazeiro do Norte, Barbalha e Várzea Alegre), por isso o termo fotocrônica. Cada fotocrônica possui sua própria diagramação que narra, acrescenta, complementa e torna cada parte um projeto único por si só. Desde a capa, feita a partir de recortes manuais do próprio texto, com caligrafia cursiva, até os elementos pré e pós textuais, cada página foi pensada para construir uma obra que avança em paralelo ao uso constante de aplicativos e ferramentas digitais ao trazer manualidade orgânica pela edição.

Palavras-chaves: Urbano, Fotografia, Design em Jornalismo, Crônica, Projeto Experimental

Abstract

Viandar is a book of photo-chronicles originating from an experimental project that combines Graphic Design in Journalism, Journalism and Literature, and Photography. Ferreira Gullar's famous phrase, "Art exists because life is not enough," reminds us of the constant human tendency to overcome the limitations and imperfections of daily life through our creations, especially those that are challenging. Therefore, one book is not enough. In times when AI is optimizing and taking over tasks, reading a book solely for its words is not enough. Viandar is therefore configured as a sensory experience, presenting chronicles written through journalistic investigation and inseparable from photographs about three cities in Ceará (Juazeiro do Norte, Barbalha and Várzea Alegre), that's why the term photochronicle is used. Each photo chronicle has its own layout that narrates, adds to, complements, and makes each part a unique project in itself. From the cover, made from hand-cut sections of the text itself, in cursive handwriting, to the pre- and post-textual elements, each page was designed to build a work that progresses in parallel with the constant use of digital applications and tools, bringing organic manual skill through editing.

Keywords: Urban, Photography, Design in Journalism, Chronicle, Experimental Project

AYANNY
p. Costa

crianças e adolescentes da cidade de Várzea Alegre que se prepararam para este evento com muita energia. A cor amarela saltou aos meus olhos no vestido da menina que dançava na posição de princesa; e ela girava, girava, girava, rodopiava, rodopiava, rodopiava e girava sem parar conforme o ritmo e a coreografia, de maneira tão bela que quase não pude desviar os meus olhos daquela estrutura amarela, arcaica e alto domado que criava uma nuvem e ela enchia todo o ginásio onde corriam as apresentações e exposição, todo o ambiente colorido.

Histórias que as cidades contam



Universidade Federal de Cariri

Viandar

Histórias que as cidades contam

Ayanny Costa





Universidade Federal de Cariri

Viandar

Histórias que as cidades contam

Ayanny Costa





Dedico este livro a todos e todas que sabem
apreciar uma boa caminhada.





"É um negócio perigoso, Frodo, sair pela sua porta. Você pisa na estrada e, se não se cuidar, não há como saber para onde você pode ser levado."

Bilbo Bolseiro, O Senhor dos Anéis - J.R.R. Tolkien



Sumário

Prefácio

Um olhar de fora sobre algo que é muito de dentro, Luciana Bessa apresenta uma reflexão sobre a obra.

Verde-persistência

A caminho do trabalho, eu vejo uma planta resistindo sob sol e abaixo do esgoto e penso sobre o que é esse persistir que motiva tantos brasileiros.

Portas, comportas, paralelas e salões

Ir a qualquer igreja é sempre um momento de fé e reflexão, não seria diferente quando visitei a igreja mais emblemática de Juazeiro do Norte: Bom Jesus do Horto.

O buraco na parede revela...

O que é a Usina dos Bezerras para quem passa por ela todos os dias? O que significa ter um prédio vazio ocupando um quarteirão quase por inteiro sem ter nenhuma função?

A Praça e a idade que “praça”

Eu moro em frente a uma praça e essa praça passa por diversos locais que eu frequento, mas essa praça também é um local para diversas pessoas. Dia, tarde e noite.

Sentimento de Comunidade

A primeira vez em que participei das festividades de Santo Antônio, em Barbalha, ficou bem claro para mim que as cidades se transformam através da população em prol de uma ação: um casamento comunitário.

Dias de Figura de Linguagem

Ir ao centro para resolver demandas me fez pensar sobre como as figuras de linguagem são ainda mais presentes no nosso cotidiano, porque a própria população é responsável por certas ironias urbanas.

Amarelo-ouro sertão

A minha relação com o amarelo sempre foi uma de contemplação, mas também de intensidade. Em Várzea-Alegre e Barbalha, o amarelo veio a mim como perspectivas. Por hora, eu o chamarei de ouro do sertão.

La vie on Soleil

Pontos de ônibus são lugares de espera para ir. Ir a qualquer lugar. Num ponto de ônibus, sou levada não apenas ao meu destino, mas a refletir sobre autenticidade e sobre encontros.

Crônica sobre Crônica

As crônicas ainda são gêneros jornalísticos de interesse? Sim, pois são textos que provocam uma reflexão sobre a realidade a partir das características literárias do gênero. De Machado de Assis e João do Rio até mim, a crônica é o fato e o fato é um enquadramento narrativo.

Crônica sobre Processos

O processo criativo de todo profissional que produz alguma coisa é sempre particular e de interesse de uma série de estudiosos, uma vez que apresenta possibilidades e perspectivas diferentes de fazer a mesma coisa ou coisas diversas; este é o meu processo criativo em fotos e palavras.

Crônica sobre Gratidão

Alguns processos e algumas criações parecem atividades solitárias à primeira vista, mas um olhar sincero me ajuda a perceber que muita gente me trouxe até aqui.

Referências

Textos e autores que fizeram parte dessa jornada.



Prefácio

Ayanny Costa – uma flâneur do Cariri

Escrever sempre foi para mim uma forma de se colocar no mundo. Desde pequena, admiro aqueles que escrevem, em especial as mulheres, que ao longo da História, foram impedidas de ler/escrever e só, tardiamente, tiveram acesso ao universo literário e ao universo jornalístico. Talvez, por isso, me pego pensando como seriam áreas como a Literatura e o Jornalismo, se o gênero feminino e o gênero masculino tivessem partido da mesma linha de largada.

Para frente é que se olha e se luta por espaços. Como diria o cantor de Os Lusíadas (1572), Luís Vaz de Camões, “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser (...)”. Hoje, por exemplo, as mulheres são maioria no Ensino Superior, as mulheres leem mais, são as mulheres que compram mais livros, como se não bastasse, são maioria no jornalismo.

No Brasil, por volta de 1870, surgiram os primeiros jornais de cunho feministas editados principalmente no Rio de Janeiro. Como mulher das Letras, sou leitora assídua de Narcisa Amália (1852-1924) considerada a primeira jornalista profissional do país; Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), a romancista-cronista excluída da fundação da Academia Brasileira de Letras. E o que dizer da primeira mulher a ingressar na ABL, Rachel de Queiroz (1910-2003), que aos 16 anos de idade, já escrevia crônicas? Depois vieram as jornalistas-cronistas Cecília Meireles (1901-1964), Marina Colasanti (1937-2025) e Clarice Lispector (1920-1977).

Em 2026, leio o livro da acadêmica e amiga Francisca Ayanny Pereira Costa que elegeu escrever justamente sobre as crônicas – esse gênero textual relativamente curto capaz de oferecer ao leitor uma visão leve, descontraída e reflexiva sobre o cotidiano. Na verdade, Ayanny não escreve sobre as crônicas, ela as faz com um olhar sensível, lírico e, às vezes, crítico. Há quem conheça o olhar como a “janela da alma”. Pelo olhar da Ayanny conhecemos Juazeiro do Norte (Horto, Rua São Domingos, Rua São Paulo, Usina dos Bezerras, Praça Geraldo da Cruz, Avenida Castelo Branco); Barbalha “com suas festas de Santo Antônio em junho”, seus espetáculos de “carros antigos dos próprios moradores, como Chevette, Brasília, Fusca, Monza, Del Rey”, ou casamentos coletivos – “15 noivas e 15 noivos”; Várzea Alegre. Sob o olhar da Ayanny, o Cariri é verde-persistência, é amarelo-ouro, é azul da cor do céu olhado “365 vezes por ano”, é da cor do “pôr do sol do Atacadão”, que enchem “os meus (seus) olhos e se espalham para tantos outros lugares e espaços de onde moro, no Cariri”.

Francisca Ayanny Pereira Costa é, antes de mais nada, uma observadora urbana que percorre seu lugar de origem, capturando a alma cidadina. É uma flâneur contemporânea que sabe exatamente seu rumo, mas que está aberta a percorrer outros lugares, olhar outras cores, sentir outras sensações.

Das 8 crônicas e 8 fotografias que, não só transmitem emoções, ajudam o leitor a visualizar as palavras ditas, mas expandem sua narrativa, presentes neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), quero começar destacando “Gratidão: Palavras sinceras”. Identificação imediata. “Boa parte da minha jornada acadêmica foi solitária (...)”. Encontrar-me na sua voz, Ayanny, me levou para os corredores da Universidade Estadual do Ceará (UECE), na década de 1990. Por isso, como você, “sou grata”. Em especial, por ter me escolhido para prefaciar este livro que representa mais um degrau



em sua jornada pessoal e acadêmica. Um trabalho concebido ao logo de uma caminhada onde encontrou algumas “pedras no meio do caminho”, para lembrar o poeta-cronista gauche da literatura, Carlos Drummond de Andrade (1901-1987), forjado a partir da solidão, com a ajuda de alguns e poucos bons amigos.

Como é bom saber que existem pessoas como você que acostumam a “caminhar por onde preciso (a) ir”: Crônica Verde-persistência, mesmo sabendo que é uma mulher e “que o mundo não é tão seguro assim para as mulheres...”. Das suas caminhadas para conquistar o pão de cada dia, você enxerga o verde nascendo de uma parede branca na Avenida Carlos Cruz, JN. Novamente aqui você faz disparar minha memória para o poema drummondiano “A flor e a náusea”: “Uma flor nasceu na rua... Façam completo silêncio, paralise os negócios, / garanto que uma flor nasceu”. Que possamos enxergar flores verdes em meio ao concreto branco para simbolizar a resistência em meio à aridez humana. Por mais isso, Ayanny, Gratidão!

E como a crônica é tão próxima do conto, nos lugares que você passa Ayanny, “que nunca é o mesmo depois da última visita, como a tal como a tal da terceira margem do rio” (Guimarães Rosa não é um exímio cronista do sertão?), gratidão por me lembrar que o nosso olhar nunca pode ser o mesmo diante dos lugares pelos quais passamos. Nós mesmos não somos, não é? “Eu também nunca estou com a mesma mentalidade e costume me presentear com novas observações”. Crônica 2 - Portas, comportas, paralelas e salões.

Ayanny, o que se passou “Por trás do livro” para que ele pudesse chegar às minhas mãos? “Mais mais do que mostrar o toque especial de um chef de cozinha”, o que se passa nos bastidores para a apresentação de um trabalho-livro? Quais foram os questionamentos nesta jornada? “O que escrever como projeto final de um curso de Jornalismo com o qual tive poucas conexões e congruências, uma vez que me sinto mais nativa da Literatura e das produções artísticas, se sou cria do sensível e dos afetos?” Pretenciosamente vou responder: Você!!!

Tens razão quando afirma que “Muitas vezes a escrita é o ato de olhar para dentro e lidar com as partes com os quais você não está pronto”. Nunca estamos. É isso que faz a Literatura transbordar e o Jornalismo contar uma história com precisão, com transparência, liberdade, ética e sensibilidade, assim como você acaba de fazer!

Luciana Bessa Silva

Crato, último dia do mês de fevereiro de 2026.



VERDE

persistência

Eu costumo caminhar para onde preciso ir.

Mesmo sabendo que sou mulher e que o mundo não é tão seguro assim para as mulheres, eu prefiro caminhar. Com ressalvas. Vou para o trabalho a pé e tem horas que estou bem atenta, tem horas que estou desligada, então posso perceber ou não o mundo ao meu redor.

Às vezes estamos assim em nossas jornadas, flutuando entre o ligar e desligar, prestar ou não atenção.

Todos os dias eu subo e desço a Avenida Carlos Cruz e o que restou da finada rua São Domingos. Esse era o nome da rua onde eu morei a vida toda, mas mudou quando, em parte, virou uma avenida e só restaram uns poucos quarteirões.

Foi nesse pedaço de passado caminhando nas calçadas de Juazeiro do Norte, mas só para quem não reconhece, eu vi essa planta crescendo de uma rachadura na parede, abaixo de uma calhe suja do esgoto e do esquecimento.

Era meio-dia e eu estava com a cabeça cheia das vozes dos meus alunos, do barulho do trânsito e de turbulências alimentadas pela ansiedade, o sol forte incidia sobre a minha cabeça quando parei para ver aquela planta e a luz branca refletia suja, nem entendi como eu tirei a foto por mal enxergar.

Mas eu precisei parar o meu retorno para casa porque havia essa planta grande crescendo junto ao esgoto, verde e vistosa, estranhamente bonita que me fez pensar no comercial "A natureza está falando", narrado por Maria Bethânia e lançado em 2015, quando o Meio Ambiente estava na moda.



Voltamos ao estado de dormência. Eu estava dormente. Até que a brancura da parede foi quebrada pelo verde.

Persistente, teimoso, olhei e pensei que me dizia "Querendo ou não, eu vou crescer, vou viver, é o que eu sou, é o que eu faço, mesmo na imundice." Não era uma teimosia tola para sobreviver. Quando eu olhei para a planta que desconheço a espécie e lembrando da propaganda da Maria Bethânia, pensei em como é fácil para a vida achar um meio para persistir e como nós, seres tão inteligentes, complicamos seja lá por qual necessidade ter um propósito para existir.

Para todos os lados que vamos, propósitos nos são dados e lidamos com eles. Eu vou para o trabalho porque o sistema impõe que só posso acessar direitos e regalias se eu pagar por eles, eu trabalho para ter acesso ao mundo e caminho porque faz bem à saúde e é mais barato.

Eu tiro foto do que me chama atenção pela mesma razão que escrevo e creio em histórias. Foi o propósito que dei para mim. A minha persistência.

O meu resto de passado, por alguns quarteirões, sobe junto a uma longa avenida que sobe. Mas deixo de pensar nisso quando olho para aquela planta. Pode ser uma persistência tola crescer abaixo do esgoto, numa parede quente, verticalizada e sozinha.

A qualquer momento alguém pode arrancá-la, pois é frágil e indefesa como os nossos propósitos, como aconteceu dias depois quando passei por essa



mesma parede e havia apenas a mancha escura sem outra cor que não o esmaecido e o sujo.

Mas o verde persiste aqui nas minhas fotografias. Verde-persistência. Para quem arrancou, era só uma planta qualquer. Para mim, que a registrei e lhe dei importância suficiente para parar o meu caminho numa rua do passado, sob um sol particularmente encadeante e me abaixar numa calçada cheia de pó de vidro e contornada por olhares curiosos, era o meu lembrete para prestar mais atenção nos fatos, no real, na minha cidade.

Juazeiro do Norte tem suas histórias narradas pelos seus lugares, alguns nem precisam de um narrador: as palavras brotam da parede como a planta verde-persistência e ganham materialidade na tela do celular. Do meu celular, no meu caso, que me ligo e passo a prestar atenção nos arredores, em como a cidade me narra ao me expor aos seus lugares e como eu narro ela com as minhas palavras e as minhas fotografias tiradas com rapidez e na correria do dia a dia.

Aquela planta era linda e não se importava com os julgamentos: crescia sob o esgoto conforme sua necessidade, não sabia do seu fim e o seu propósito era unicamente viver, existir. Ela me deu, no entanto, o persistir quando decidi gravar ela na memória minha e do celular.

Acho que a graduação em Jornalismo normalizou um hábito que eu já tinha: caminhar sabendo que a qualquer momento os fatos saltam os olhos do interesse e exigem uma parada sobre o sol.



Com P PORTAS RALE A Salões

As linhas guiam o olhar...



Existem lugares para onde gosto de ir apenas para olhar. "Esprerscutar" - perscrutar - ou especular a vida alheia, como dizem os mais velhos. Ficar num canto, parada, me deixando perceber a beleza e a singularidade dos lugares. Isso cria a sensação de que o mesmo lugar nunca é o mesmo depois da última visita, como a tal da terceira margem do rio. Eu também nunca estou com a mesma mentalidade e costumo me presentear com novas observações. Tenho essa relação com o corredor de acesso ao quintal da casa onde moro: dali eu olho para o céu 365 vezes por ano. Às vezes 730 se eu olhar duas vezes. É o mesmo espaço entre as paredes, o mesmo espaço aéreo, mas nunca ao mesmo céu. Eu vejo mudanças. Eu estou diferente e enxergo perspectivas distintas.

É o mesmo com o Horto.

Aqui, em Juazeiro do Norte, existem locais emblemáticos. Uns mais famosos do que outros merecidamente ou não, e a Colina do Horto é um desses.

Recebe 2,5 milhões de visitantes por ano, segundo documento enviado pela Universidade Regional do Cariri (URCA) em 2019 para a Secretaria do Meio Ambiente do Ceará. Imagine hoje em dia, pelo 2025. É um ponto turístico religioso, ecológico, histórico e tradicional da cidade. Dizemos que quem veio a Juazeiro do Norte e não visitou a Colina do Horto, "não fez nada", dada a sua importância cultural.

Minha irmã apresentou o lugar para o seu romance e me levou para todos nós assistirmos à missa e como sempre, eu senti que aquela vez era distinta de todas as outras vezes em que fui como criança, professora, penitente, desafiante, turista, pesquisadora visitante, juazeirense e por aí vai. Olhei para a estrutura ainda inacabada da Igreja de Bom Jesus do Horto, feita como um caracol, idealizada pelo Padre Cícero em 1889, vinculada à Diocese do Crato e ligada à Ordem Salesiana.

Uma estrutura imponente e cônica que desponta do Meio da Serra do Catolé e pode ser vista de várias partes da cidade é tão cavernosa quanto iluminada pelo gigantesco vitral de Jesus no Monte das Oliveiras reproduzindo um importante momento em que sua fé era testada.

Um lugar de fé, foi o que o padre Cícero enxergou naquela colina, verdejante no inverno e amarela nos dias mais quentes e secos, uma porta para o céu e as portas me chamam atenção.

De onde estou, a luz entra forte e quase celestial através das portas abertas em perfeito alinhamento. Paralelas, abaixo do vitral, guiando o nosso olhar para as cores cristalinas e hipnóticas organizadas num mosaico estonteante que ganha mais beleza com a incidência do sol. É difícil não olhar mesmo estando familiarizado ao lugar e as portas altas engrandecem a imagem acima.

Um casal a 3 metros parece uma dupla de crianças. Eu penso sobre essa composição. Muita cor, muita luz, muita porta, muito teste, muita fé. E até estar ali em cima é um ato coerente à grandiosidade de toda obra. Se tudo é grande, grande deve ser a fé



para preencher uma amplitude como essa as linhas retas dessa estrutura, em contraste ao espiral da própria igreja, cria uma harmonia espetacular na minha mente. Não me canso de olhar, não me canso de fotografar a incidência da luz para dentro. É poesia óptica e geométrica.

Os fiéis se acomodam em cadeiras alinhadas numa meia lua ao redor do altar, que é miúdo se comparado com todo o resto, até os degraus são grandes. Suas vozes se espalham pelo ambiente carregadas pelo eco e por sua fé que, quase sempre, faz essas pessoas virem de longe para serem ouvidas, porque o céu é mais próximo para quem acredita. Aquele casal, um do lado do outro, deve rezar pela família que construíram, pela resolução dos problemas ou para agradecer pela dita graça alcançada. O reflexo de Jesus está com os punhos voltados para eles, juntos, como se fosse entregar o que os dois pedem ou receber o que os dois oferecem.

De onde estou, parecem isolados dos outros fiéis, mas eu os vejo mais próximo da fé, do ponto ventilado e agradável, de onde vem essa luz, como canta Roberto Carlos, "que só pode ser Jesus". Se é, não sei dizer com certeza, mas aqui é a paz, harmonia e muito espaço para quem precisa disso para arejar a cabeça e o espírito. Mas a missa se encerra com uma tradicional bênção pela aspersão da água benta e eu vou lá, pedir uma graça para mim.





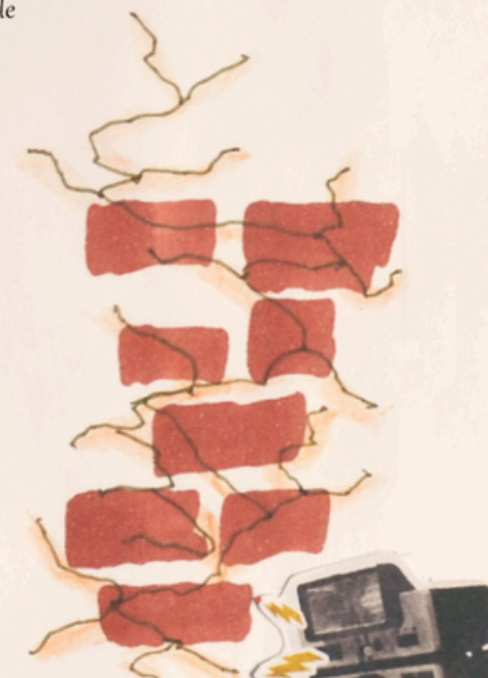
Lá na rua São Domingos, um taco de rua que liga um resto de passado a uma trisca no presente, na Avenida Prefeito Carlos Cruz, há uma parede longa que perdeu a tintura e o reboco. Na esquina da parede feita com a Rua do Seminário, há outra parede que segue com portões antigos, passagens, plantas que escapam pelos topos do muro e seguem até a praça dos ourives no fim do quarteirão.

Um dia, a caminho do meu trabalho, que fica logo perto, eu passei rente às paredes. Por trás delas, habita a Usina dos Bezerras cuja narrativa chegou a mim com o nome e o de alguém - como é típico do Nordeste, do Ceará. Se você não é referenciado por meio do pertencimento familiar pelo nome de alguém, corre o risco de você ser esquecido ou se arrogante - cheio de riquifiqui, como diziam antigamente -, então é a Usina dos Bezerras e eu sou de Valda e de Tércio, ou de Forenga e de Anatórcia.

Eu vejo essa Usina desde que nasci e ela sempre esteve do mesmo jeito: vazia, abandonada, em ruínas, cheia de plantas e de mistérios como aqueles lugares de filmes de terror. Só não tem neblina fantasmagórica porque seria apocalíptico ver névoa em pleno agosto no Juazeiro do Padre Cícero. Então, numa manhã às 7 de sol escaldante, eu vi um buraco na parede branca. Estava aberto como um portal. Eu nunca tinha visto o lado de dentro. Quando eu era criança, pensava que havia um outro mundo cheio de segredos misteriosos e perdidos, um monte de sucata e lixo que escondia um tesouro raro. Mas os portões nunca foram abertos e o seu futuro era tão incerto quanto o interior.

Todo tipo de causo contavam sobre o destino desativado da Usina dos Bezerras. Estacionamento, escola, shopping, prédio de apartamentos de salas, praça, qualquer coisa.

Mas o seu interior continuava sendo uma incógnita e uma fonte constante de curiosidade para uma criança, e para uma adulta, cuja mente fértil era um terreno onde todo tipo de coisa que plantava crescia.



Olhar de volta





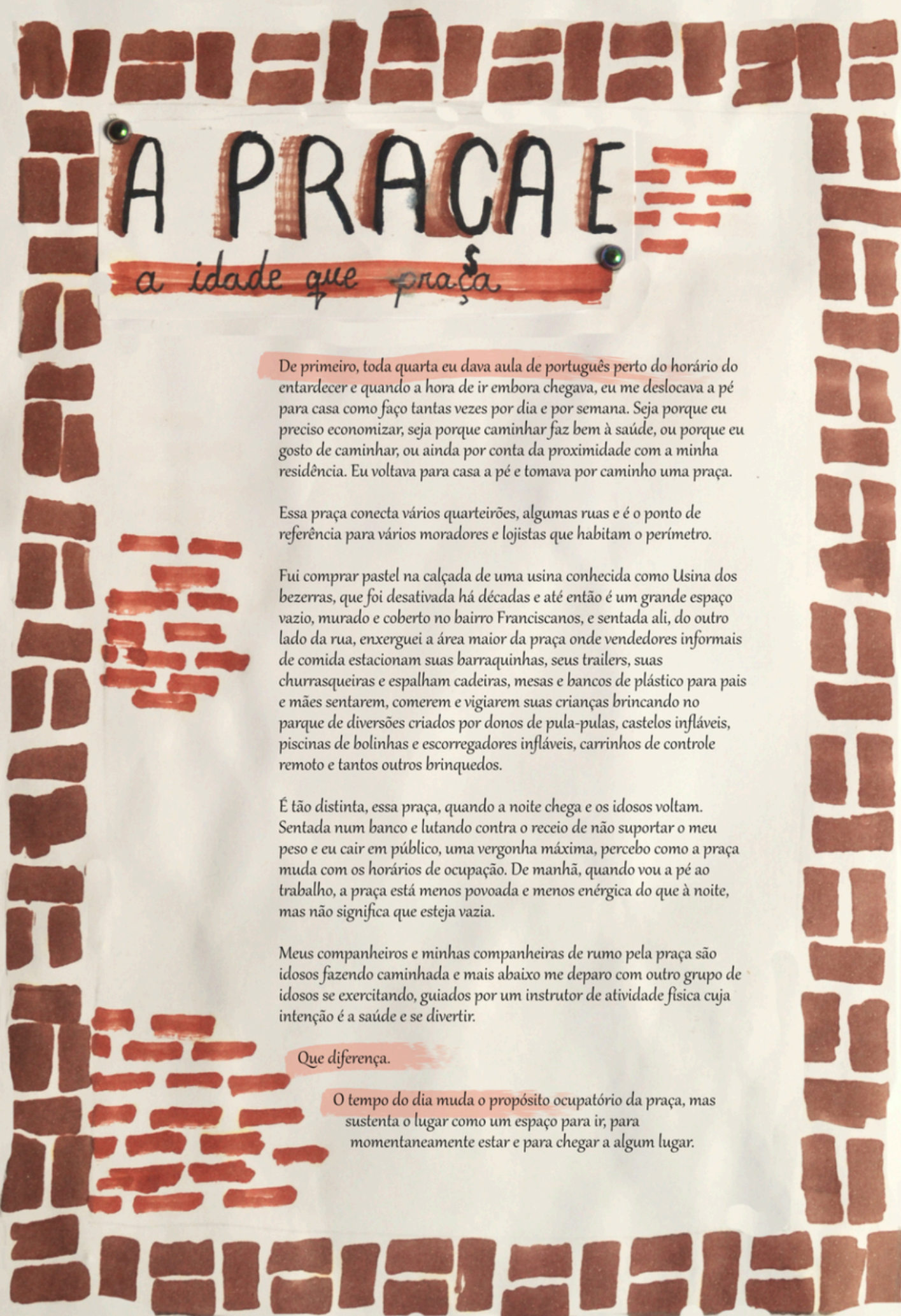
Um dia, a caminho, vejo o buraco e pela primeira vez em muitos anos eu tenho a oportunidade diante dos meus olhos, e das lentes do meu celular, de sanar todas tantas perguntas quanto eu podia fazer e mesmo que o pudor de estar na rua exigisse discrição e controle do comportamento ante as coisas diferentes, eu dei uma espiada.

Enxerguei o muro por dentro e uma área semelhante a um ginásio, criando sombra sobre um longo terreno vazio até de lixo. Nada. Eu dei uma risada única e de nariz: nada. Simplesmente vazio. O vazio estava emoldurado por um buraco na parede e atrás dele eu vi o passado da Usina, e daquele taco de rua perpendicular a ela, e era nada. Pensei que ficaria frustrada e chateada porque o resultado era a única coisa que eu não considerava, mas eu tive respostas para parte das minhas perguntas, margens para novas perguntas. O que diabos será feito desse elefante branco tão perto do centro urbano e próximo de áreas de turismo religioso recente? Por que o deixaram assim?

A última função social dele era, que eu soube por lembrança, serviço de estacionamento para as ambulâncias do SAMU e centro de reciclagem para a troca de produtos recicláveis por descontos para a finada COELCE, Companhia de Energia Elétrica do Ceará, e desde então permanece inutilizado. A menos de conhecimento público. Um buraco na parede era uma janela para minha arma mais poderosa: a fabulação. Fabular um aspecto que é um grande ponto de interrogação na cidade onde vivo, Juazeiro do Norte, que é um grande espaço de trânsito humano. Com o qual todos aprenderam a conviver todos os dias porque é a Usina dos Bezerras, porque faz parte do cotidiano urbano, porque é um prédio enorme abafado por uma praça com múltiplas funções e múltiplas belezas.

O buraco na parede revela o interior vazio, aliás um esvaziamento histórico Urbano da minha cidade, afinal este lugar empregou centenas de pessoas, meu pai em sua juventude foi uma delas e meu avô teve um vínculo comercial em seus anos de armazém, e foi erguido com um propósito econômico para Juazeiro do Norte e depois se tornou um ocupamento estrutural. Quando? Como? Por que? Não sei. Taparam o buraco.

Peculiaridades ...



A PRAÇA E

a idade que praça

De primeiro, toda quarta eu dava aula de português perto do horário do entardecer e quando a hora de ir embora chegava, eu me deslocava a pé para casa como faço tantas vezes por dia e por semana. Seja porque eu preciso economizar, seja porque caminhar faz bem à saúde, ou porque eu gosto de caminhar, ou ainda por conta da proximidade com a minha residência. Eu voltava para casa a pé e tomava por caminho uma praça.

Essa praça conecta vários bairros, algumas ruas e é o ponto de referência para vários moradores e lojistas que habitam o perímetro.

Fui comprar pastel na calçada de uma usina conhecida como Usina dos bezerras, que foi desativada há décadas e até então é um grande espaço vazio, murado e coberto no bairro Franciscanos, e sentada ali, do outro lado da rua, enxerguei a área maior da praça onde vendedores informais de comida estacionam suas barraquinhas, seus trailers, suas churrasqueiras e espalham cadeiras, mesas e bancos de plástico para pais e mães sentarem, comerem e vigiarem suas crianças brincando no parque de diversões criados por donos de pula-pulas, castelos infláveis, piscinas de bolinhas e escorregadores infláveis, carrinhos de controle remoto e tantos outros brinquedos.

É tão distinta, essa praça, quando a noite chega e os idosos voltam. Sentada num banco e lutando contra o receio de não suportar o meu peso e eu cair em público, uma vergonha máxima, percebo como a praça muda com os horários de ocupação. De manhã, quando vou a pé ao trabalho, a praça está menos povoada e menos enérgica do que à noite, mas não significa que esteja vazia.

Meus companheiros e minhas companheiras de rumo pela praça são idosos fazendo caminhada e mais abaixo me deparo com outro grupo de idosos se exercitando, guiados por um instrutor de atividade física cuja intenção é a saúde e se divertir.

Que diferença.

O tempo do dia muda o propósito ocupatório da praça, mas sustenta o lugar como um espaço para ir, para momentaneamente estar e para chegar a algum lugar.



Isso é o que é a Praça Geraldo da Cruz, batizada assim com o nome do filho do ex-prefeito Carlos Cruz.

Parei por um ou dois minutos para assistir aquele baile de disciplina e motivação às 6:50 da manhã de uma segunda-feira. Não são só trabalhadores e os fitness da moda aqui acordam cedo para praticar exercício e preparar o corpo para as 24 horas que virão por aí. As mulheres ajudam umas as outras a cumprir a rotina de atividades e a realizar os exercícios em duplas.

Elas batem palma, se encorajam, usam a praça como pista, como aparelho de musculação, como obstáculo e energizam junto do sol se lançando por cima das árvores, da estação de trem ao fundo, das ruas paralelas e dos ladrilhos na calçada.

Então a noite chega e a praça enche de adultos que param, uns poucos comem e se exercitam na academia popular, mas a maioria para, se espalha pelas cadeiras, mesas e pelos bancos, interagem com outros adultos e idosos parados para dialogar. No pastel, eu vejo um grupo de senhores se acomodarem perto da churrasqueira de um vendedor de espetinhos.

O movimento de crianças e de pessoas me parecem borões quando me concentro no ato de observar aqueles homens comendo, conversando e vivendo a praça.

A praça passa e eles ficam por aquelas horas. A praça passa e eu fico enquanto espera o pastel. Mas quando sigo meu rumo pela praça, ela permanece ficando com as pessoas que ocupam a noite. De dia, a praça é um espaço de e em deslocamento. De noite, a praça é um espaço de permanência utilitária e comercialização.

Para mim, a praça Geraldo da Cruz é a praça dos idosos porque eles são um dos poucos que ainda sabem usar o espaço como espaço e como um lugar.





SENTIMENTO de COMUNIDADE

Cococi ainda é uma cidade sem a sua comunidade? Creio que não.

Sem a sua população, se torna apenas uma amontoado de prédios, blocos de alvenaria com telhas, portas e janelas sem qualquer propósito de existir, apenas ocupando espaço.

A comunidade não só ocupa espaços, ela constrói lugares e dá significado aos espaços.

Barbalha é uma cidade pequena, com uma a comunidade pacata e esparça.

Quando chega as festas de Santo Antônio em junho, porém, iniciando com a busca, corte e o levantamento do famoso Pau da Bandeira, um Jatobá que ultrapassa os 20 metros de altura encontrado dentro das matas, a cidade se transforma. Todo o processo é feito pela comunidade durante a faixa de tempo que dura a festa. 13 dias, a partir de 31 de maio a 13 de junho, dia do próprio santo. Barbalha me faz entender que o que faz a cidade é a sua comunidade. No dia 8 de junho de 2025, eu fui para lá participar da festa pela primeira vez em 30 anos da minha vida e caminhei a pé, como sempre faço quando quero sentir ou vivenciar os lugares onde estou.

Fui na companhia de um bom amigo que me ajudou a entender a festa e apreciar aquela tarde.

Eu procurava uma pauta e uma foto para um trabalho da faculdade, então decidi registrar os aspectos históricos da cidade, mas de repente começo a ouvir a voz do cantor Roberto Carlos e isso me chamou atenção. Ele não é mais popular como antigamente, então qual era o sentido de colocar a sua voz nos altos falantes da cidade?

Observei. Eu estava no pátio da igreja de santo Antônio de Pádua e comecei a procurar o que faziam tantas pessoas, músicas de bandas cabaçais, banda de fanfarra, várias pessoas com roupa de gala às quatro ou cinco da tarde. Eu nem sabia dizer de onde veio tanta gente.

Meus olhos se encheram como aquele Pátio quando vi uma fileira de homens usando ternos azuis e gravata magenta animados, ansiosos, alegre, conversando com suas famílias, todos os vestidos de gala, celebrando aquele dia.

Comecei a analisar aquele contexto mudando de uma pacatez vespertina, cuja aparência urbana é vista em poucos passos, para uma agitação ao entardecer de uma comunidade vibrando pela chegada das noivas que se alinham e esperam. O que podia ser?

Então eles entram e pouco tempo depois, o pátio da igreja se torna o palco de um espetáculo da comunidade: em carros antigos dos próprios moradores, como Chevette, Brasília, Fusca, Monza, del Rey, Carlos de várias décadas do século passado, chegavam em fila buzinando, anunciando para todos os aguardantes que o ápice da tarde chegou: as noivas.

Um casamento comunitário.

15 noivas e 15 noivos.

Cada noiva com sua própria identidade, estilo, sendo celebrada por sua família,



pelas pessoas de fora, pela cidade. O lugar foi preenchido pela energia da comunidade. O lugar era aquelas noivas entrando na igreja e vendo os homens que escolheram para viver uma vida as aguardando lá dentro.

Eu entrei porque precisava ver mais daquela história se desenrolando, registrando o momento em que Barbalha se torna a cidade de santo Antônio, o santo casamenteiro, que abrevia a solteirice, responde pedidos feitos pelo chá da casca do pau dele mesmo e abençoa quem quer encontrar a felicidade no matrimônio.

Quinze casamentos ao entardecer dentro de uma pequena igreja apinhada de pessoas, circundada por pedras de calçamento, uma praça arborizada onde uma família de moradores de rua assistir, grandes casarões com os nomes das famílias ancestrais, uma escola de alto valor de mensalidade e, mirando bem do alto imponente, o pau da bandeira abençoava junto do entardecer daquele oito de junho.

Aquelas famílias formavam a cidade. O acolhimento de Barbalha, das ruas antigas, dos prédios antigos vivos do sobrenomes antigos, se estendia através dos pais, das mães, das tias, dos tios, dos abraços e dos sorrisos. Uma cerimônia de 15 uniões.

Considero-me de muita sorte porque eu não imaginava que tomaram um ônibus com meu amigo, descendo uma praça e caminhar a esmo apenas para tirar fotos de fachada de outro tempo e me encantar, eu encontraria uma história, uma comunidade e a própria cidade.



Dias de Figuinha de linguagem



Numa dessas manhãs que eu me preparava para ir para o trabalho, ouvi o radialista Murilo Siqueira dizer “Não adianta a prefeitura fazer tudo e a população não fazer nada fechar”.

Era uma dessas conversas lá no rádio sobre os problemas que a cidade enfrenta com o lixo, com o esgoto, coisas de manutenção que todo administrador médio precisa ter noção para dizer o mínimo.

Mas o radialista fez uma provocação precisa e sincera; me fez pensar numa coisa que a minha mãe me ensinou: quando moramos num lugar, cada um tem a obrigação de zelar pelo espaço, seja por serviços efetivos como a limpeza, seja por ajuda financeira, indiretamente. No frigar dos ovos, todos têm um papel, uma função para a manutenção do lar, pagando contas ou fazendo faxinas.

Cada um contribuía com aquilo que podia dar. Eu, por exemplo e por ser mulher fruto do meu tempo, era a pessoa do serviço. Da limpeza

Então eu saí à tarde no outro dia para "ir na rua", que aqui significa ir ao centro comercial resolver uma série de demandas.

Passa aí perto de uma papelaria na Formosa rua São Paulo e vi um poste, nada demais. Várias motos estacionadas, um poste sujo com lixo na base e uma pichação com a frase "atenção proibido colocar lixo aqui". Achei engraçado e percebi algo de ironia de paradoxal naquela informação escrita na via pública. As pessoas usam os postes como ponto para colocar o lixo e assim os garis coletam. É bem comum que seja assim, mas a ordem solicitava o oposto.

É difícil dizer quem é o errado da história quando um costume define um hábito e uma forma de organização urbana. Onde colocaram o lixo na ausência, ou depredação de lixeiras públicas?

Se é proibido, eu faço o quê?

Talvez se as lojas estivessem suas lixeiras, não seria necessário acumular lixo em locais indevidos, talvez se houvessem lixeiras públicas e as pessoas não arrancassem ou destruíssem elas, esses avisos fossem desnecessários.

Essas ideias ficaram na minha cabeça por muito tempo, até quando fui para o Atacadão realizar outro serviço de manutenção: a feira do mês, compra de mercado. Após passar quase 3 horas pesquisando preços, avaliando opções, selecionando o que é mais imediato para casa, me estressando com o poder de compra reduzido desde a pandemia de 2019.

Observe e junte as palavras...



Eu fui passar as compras no caixa com a ajuda da minha mãe. Ergui a minha cabeça para alongar as costas e os braços após carregar tanto peso ao longo da tarde e notei que anoitecia. Eu cheguei por volta das 3:00 da tarde e já se aproximava das seis no momento do caixa. O tempo voou rápido.

Olhei para fora e me encantei por um instante com a beleza do entardecer; essas tonalidades de transição sempre me colocam no estado de contemplação e de encanto porque é incrível como as coisas da natureza embelezam a cidade mesmo que a cidade esteja dentro de um hipermercado lotado de vozes, dívidas, pagamentos, músicas da moda, cheiros, sabores e cálculos para o consumo do mês, mesmo que eu me sinto um pouco presa aqui dentro.

Eu paro por um segundos analisando o cenário, pega o meu celular e registro essa memória para mim: uma mensagem construída por adesivos nos vidros das portas, uma coincidência que eu só percebi depois de analisar fotografia, e logo atrás uma longa e larga faixa de céu multicolorido criada pelo pelos tetos dos carros e pelo teto do estacionamento.

O enquadramento dentro do enquadramento. Há beleza na cidade e é por momentos assim que a manutenção faz toda a diferença porque é a garantia de que irá se repetir e que outros verão.

Portanto eu concordo com o Murilo Siqueira. Temos o nosso papel na manutenção do nosso lar. Não falo de ocupar a função de quem é pago pelo município para limpar e cuidar das ruas, das calçadas, das praças e afins, mas fazer aquilo que cabe ao morador e ao cidadão de Juazeiro do Norte: o mínimo.

A beleza em cumprir o nosso dever para com o nosso lar, a satisfação de saber que parte dessa beleza tem o dedo do cidadão. É Como olhar para aquele pôr do sol do Atacadão e sentir que uma das cores é de nossa escolha e arranjo. Causa certa paz.

Uma metáfora bem construída.





A beleza e a beleza não se desincontram no amarelo-ouro

amarelo- OURO SERTÃO

Já repararam o que é o amarelo?

A cor mesmo. Já sentiram a energia vibrante de uma pessoa vestindo amarelo? Não sei se com vocês é assim, mas, quando vejo alguém de amarelo ou quando visto essa cor, parece que há uma vibração vívida no ar e as coisas se tornam mais brilhantes, mesmo de dia. É como dizemos por aqui, em outro contexto: é um sol para cada um. Quem usa amarelo aqui no sertão se torna um sol, no sentido mais positivo que houver.

Num desses dias aí de junho, fui convidada a participar de um evento realizando a cobertura jornalística dele, era um evento que durou todo o dia de sábado e eu tive o privilégio de ver diversas apresentações artísticas de crianças e adolescentes da cidade de Várzea Alegre que se prepararam para este evento com muita energia.



A cor amarela saltou aos meus olhos no vestido da menina que dançava na posição de princesa; e ela girava, girava, girava, rodopiava, rodopiava, rodopiava e girava sem parar conforme o ritmo e a coreografia, de maneira tão bela que quase não pude desviar os meus olhos daquela estrutura amarela, aquele vulto dourado que criava uma nuvem e ela enchia todo o ginásio onde ocorriam as apresentações e a exposição, todo o ambiente escolar.

Eu estava participando da Expo Saberes e Sabores 2025, evento vinculado aos quatro eixos de edificação da Universidade Federal do Cariri.

Era um espaço ocupando uma escola, mas havia muito mais do que processos educacionais sob aquele teto: vidas, histórias, crescimento pessoal, realização após um longo desenvolvimento, alegrias, cansaços, aprendizados e ensinamentos através do compartilhamento de saberes e sabores.

Eu me senti abraçada por aquele pátio.

Eu voltei para os meus anos de estudante vivendo as feiras de ciência e as gincanas, vivendo intensamente o dia dedicado a esses projetos. Sentada na arquibancada, observando do alto aquelas pessoas, de todas as idades, o espaço de um pátio escolar me fez viajar no tempo, para a minha infância e é interessante como os lugares nos enviam espacialmente para para memórias ao pisar num lugar sem que nos dêssemos conta da viagem.

Quem nunca fez um retorno a uma memória ao pisar num lugar, ao sentir o ambiente ao seu redor e prestar atenção nos detalhes como as paredes, as tinturas, o barulho da natureza, o barulho da rua, os cheiros urbanos criando impressões na forma como você interpreta o ambiente e o guarda na memória. Enquanto eu via a menina dançar, fui levada para outra memória mais recente.

Em outra cidade, Barbalha, em outro pátio, o da Igreja do Rosário, olhando outras dançarinas coroadas com amarelo-ouro em seus vestidos rodadas, volumosos, ricamente decorados para ficarem ainda mais chamativas e belas. O amarelo-ouro que se mexia e o amarelo-ouro estático encheram os meus olhos e se espalham para tantos outros lugares e espaços de onde moro, no Cariri.

Muito se fala do verde, mas eu gosto de pensar no amarelo porque ele não está apenas nas rachaduras áridas de um aude seco ou de uma encosta acinzentada da Chapada do Aararipe no mês de



novembro, mas avança para a palha no chapéu do romeiro que se desloca com um propósito afetivo por longas distâncias, de onde precisar vir.

É o amarelo da areia quente das praias onde jangadeiros, pescadores, empreendedores sem curso e muita inteligência, turistas e cães se mesclam numa massa única.

É o amarelo do fogo que prepara a castanha do caju, dourado e ardente de uma vez, em meio às cinzas das brasas.

É o amarelo da farofa que complementa o "pratin" de creme de frango e arroz, do sol que nos desafia, do milho cozido que vira canjica, pamonha e mungunzá nas panelas da cozinha acolhedora, e geralmente quente, da avó.

Olhar para os vestidos amarelo-ouro me fez trafegar entre lugares que só existem para mim, criados pelas minhas interpretações de onde eu estava, entre a minha memória que se desperta pelo espaço presente e outros que não fui, mas conheço porque as histórias daquele lugar vieram para mim e se concretizaram como espaços criados.

O amarelo-ouro virou um lugar para mim, memoradora dos lugares para onde eu vou e por meio dele crio caminhos.



O padrão do passado é vivo



O sol está forte.

Daquele que deixa a gente fadigado no fim do dia.

O sol estereotipado do Nordeste.

Não havia tanta sombra perto do ponto de ônibus onde eu estava e me obriguei a permanecer ali porque havia um estudante do colégio militar sentado de um banco ao lado de mim; motivou-me a suportar também.

Acabei tendo uma atitude mal educada: fiquei vários segundos olhando para ele. Eu sei que pode ser um constrangimento encarar alguém, mas de que forma eu poderia ver os detalhes se não olhasse com atenção?

Cheguei do dentista por volta das 11:30. Aquele estudante sentado sob o sol forte do meio-dia esperava o ônibus para ir para algum lugar, da mesma forma que eu olhava para o horizonte da Avenida Castelo Branco que suavemente faz uma curva a caminho do shopping ou da rodoviária, e é de lá que vem os nossos transportes. Quem espera aqui, espera os veículos que vem de lá.

Eu vejo aquele jovem e penso em mim, no meu tempo do terceiro ano do ensino médio, lembro das manhãs às 6:00, já há uma ou duas horas desperta, com uma mochila pesada nas costas para deixar Juazeiro do Norte e ir para o

O futuro a 3,75

Nossa sakura: árvore Lpe... ♡



Crato, às vezes sentada por uma hora e 15 minutos, às vezes em pé buscando equilíbrio por conta da carga extra que eu levava para ficar o dia todo na cidade.

O meu terceiro ano foi um estágio preparatório para a rotina que eu teria agora na vida adulta. Esperar o ônibus para se deslocar pela cidade e estar uma hora, duas ou mais dentro do transporte que segue os caminhos, as rotas da cidade, é aceitar que uma parte do seu dia não reside, mas é deslocamento. Às vezes o lugar não é físico como uma escola, a casa da gente, outro ponto da cidade, mas pode ser um lugar no futuro. E hoje pagamos eu e o rapaz R\$3,75 de passagem e de possibilidades. A soma de várias passagens cria um caminho, ou uma rota.

A cidade é feita de rotas também, já pensou?

O que seria das partes das cidades se não houvessem as rotas que levem as pessoas para elas, as trilhas que abrem caminhos na selva de pedra?

Juazeiro do Norte está mais para o sertão de pedra do que selva.

Qual rota aquele jovem tomaria? Talvez a que eu tomei há mais de uma década, quando eu não tinha perspectivas, apenas expectativas. Então depois de encarar o máximo que a educação permitia, desviei o meu olhar para a paisagem quase monocromática, entre o verde e o

cinza esmaecido pelo sol forte. Meus olhos quase saltam de mim quando percebo um pouquinho rosa no cenário muito iluminado, aliás uma pessoa de rosa, toda de rosa, da sombrinha aos calçados em seus pés.

Ela era a única, uma mulher de rosa.

Que interessante, eu pensei enquanto tentava tirar uma foto porque fiquei encantada com aquela visão.

Era literalmente um ponto rosa quebrando aquela forte luz. Tudo era rosa: os calçados, as meias, o vestido, o casaco e a sombrinha que ela segurava; aquela mulher me parecia meio rosada também. Que criatura espetacular e única, como aqueles personagens de filme que não se importam em serem eles mesmos, e seguem com suas vidas da melhor forma, daquela maneira particular que o destacam na multidão, mas não porque anseia por tal coisa. Essas pessoas chamam atenção por sua autenticidade por terem bravura ao escolher viver em como lhes apetece.

Lembro-me das obras do Niemeyer ou das grandes construções do passado

Havia algo de ser, de se tornar o destaque, mas com o propósito particular e não apenas para chamar atenção.

Por um segundo, Edith Piaf toma a minha mente cantando a sua famosa música de amor que fala como as ruas estão tomadas pela cor rosa das flores.

Naquele momento, não era o espaço que estava tomado pela cor rosa, mas a ousada fotografia que eu decidi tirar mesmo que aquela mulher nunca tenha percebido o meu celular.



Um pontinho rosa



Por trás do Livro

Sempre me questionei como são os processos criativos para desenvolver livros, histórias e projetos que levam bastante tempo. Eu acho que é um momento de nudez intelectual e de grande sinceridade quando um escritor apresenta os seus passos para a escrita. Essa etapa é ainda mais visceral quando uma escritora decide falar sobre os seus processos. É mais do que mostrar o toque especial de um chef de cozinha. Muitas vezes, a escrita é o ato de olhar para dentro e lidar com partes com as quais você não está pronto. Então mostrar o meu processo criativo é olhar para dentro de mim mais do que um Raio X seja capaz.





Eu tinha 16 anos quando uma situação que nenhum aficionado por livros quer viver na vida: eu perdi o livro que foi o meu pontapé na escrita, depois de emprestar e nunca mais receber de volta. Já pensou? Até aquela idade, eu não tinha interesse em escrita e fugia dela como o diabo foge da cruz, tinha imensa preguiça, no entanto eu lia compulsivamente porque encontrava nas páginas brancas e amareladas dos livros nas prateleiras da minha mãe. Eu lia de tudo, com enorme avidez e curiosidade, de dicionários a revistas que o meu pai trazia de suas viagens pelo Brasil. Ele é um caminhoneiro e como tal, um ótimo contador de histórias, pois de que outra forma conheceríamos a rotina dele e os desafios que ele enfrentou nessa difícil profissão que não pela palavra?

Aquele livro que foi embora e nunca mais voltou me motivou a criar uma resposta à história. O livro narrava os problemas de uma mulher gorda com um namorado desinteressado nela. Eu me perguntei por que aquele cara era o vilão da narrativa se ele buscava crescer na própria vida profissional e não se limitar à realidade medíocre em que a protagonista se colocou. Conformada com o mínimo. Sem perspectivas. Para mim, era uma história sobre duas pessoas que buscavam caminhos distintos para elas e não podiam ficar juntas porque não alinhavam.

Embora eu soubesse já na época o que era a gordofobia e como o processo de transformação e recuperação das mulheres significa perder peso e mudar radicalmente da gordice para a magreza, eu entendi que aquela narrativa era um ponto de vista particular da autora sobre a realidade.

Talvez a realidade dela, talvez de outra pessoa.

Quando penso nessa época e em como aquele livro me estimulou a escrever, eu percebo que as minhas análises eram parte de uma prática comum aos escritores profissionais e que faz parte da minha atual graduação: o enquadramento narrativo.

O jornalismo é um sistema solar cujo sol são os fatos. Para mim, o jornalismo é não só estuda e pratica os meios para circular os fatos nos ambientes públicos e privados, digitais ou físicos, mas se debruça sobre os fatos a partir dos enquadramentos - uma palavra que tomo emprestada da fotografia, uma área pela qual sinto profunda admiração. Mais do que o ponto de vista, o enquadramento é uma leitura de mundo que parte da compreensão e da relevância do jornalista para o público. Se tem quem escreva, tem quem leia.



Crônica

Foi a frase que mais me motivou ao longo do meu processo e me ajudou a responder todas as vezes a que eu me questionava se o meu projeto era jornalismo. Um projeto experimental como este ainda será uma prática ou um produto jornalístico? O meu processo é puramente artístico e autoral ou há algo de método jornalístico? Pela mesma duração de tempo gasto para o planejamento inicial do projeto, discutido na próxima etapa, eu me questionei se a crônica ainda é tema do jornalismo.



5400k 1/60 15.6 ISO200
01h06m
2640mb

Sempre existiu essa linha tênue entre o jornalismo e a literatura, sendo muito comum no passado que incríveis escritores se tornassem exímios jornalistas. Onde começa a literatura e onde começa o jornalismo em certas obras? Quando observo o gênero crônica, fica claro que a linha tênue se dissipa. Se por um lado o jornalismo estuda os fatos, por outro lado a literatura estuda a palavra; e a crônica dá as mãos para os dois e os une com o melhor dos dois mundos.

A crônica, por definição, é o gênero textual que se debruça sobre os fatos cotidianos destacados pelo olhar afiado do escritor e encontra significados, universalidades e profundidade numa ida ao trabalho dentro de um ônibus barulhento.

Faria sentido que em tempos de muita pressa, de scrolling como ato involuntário em telas e numa realidade cada vez mais mascarada e duvidosa, um gênero textual com cara de passado?

Quality [fine] -2 -1 0 +1 +2

Faria sentido criar um projeto manual e manufaturado quando o jornalismo enfrenta desafios tecnológicos que o põem em contraste o seu fazer e a sua credibilidade? De repente, me pareceu, todos viraram jornalistas uma vez que possuem celulares com câmeras e um perfil numa rede social. Mais ainda: ainda seria um projeto jornalístico quando o grande hype é a era digital?



Após algum tempo de investigação - outro aspecto nativo ao jornalismo e à literatura -, eu entendi e percebi que as manualidades são possibilidades para pessoas que, como eu, se sentem muitas vezes estrangeiras digitais ou excluídas digitais dessa realidade nova e acelerada. Eu entendi que escrever crônicas em tempos de posts e stories demanda um olhar crítico, uma escolha de aspectos para dar relevância e significar os fatos. Não é uma reportagem, nem um documentário, nem algo esperado dentro do espectro tradicional do jornalismo, mas ainda sim é coisa de jornalista. Por mais que soe como um gênero literário retrógrado, a crônica ainda é uma possibilidade de desenvolver a reflexão crítica e a comunicação a partir da familiaridade.



A crônica fala dos fatos com uma perspectiva sensível - usar os sentidos ao invés dos efeitos visuais. Descrever para além da imagem feita. Compor para além do vídeo. A crônica é um exercício de produção jornalística em sua essência, pois a crônica aborda os fatos pelo olhar - enquadramento - de quem os analisa.

João do Rio, jornalista e cronista da década de 20 do século XX, narrava a cidade do Rio de Janeiro pelo seu entendimento de que o urbano não é apenas um cenário para servir de palco para os eventos e para as pessoas.

Ao ler suas crônicas, eu notei a relação entre João e a cidade. Enquanto Machado de Assis narrava as pessoas em suas crônicas, João narrava a cidade. Um flâneur que retrata o cotidiano urbano daquele espaço no século passado usando uma linguagem irônica, sarcástica e um tom atual, abordando questões interessantes e até complexas: captura a vida moderna, boêmia, a pobreza nas ruas e vielas, as tensões sociais, a decadência de valores e questões sobre a sexualidade, usando um estilo versátil, subversivo e agudo. Tudo isso em uma época cuja moralidade era elevada em alta conta no pós-Primeira Guerra Mundial. Eram os Loucos Anos 20 e havia um cabo de guerra social.

Dentro de todos esses aspectos, o que saltou ao meus olhos foi o flâneur. Ele derivava pelas ruas - flana -, observando e registrando os fatos cotidianos, o ambiente urbano e os personagens. João do Rio manteve um olhar de jornalista ao andar pelos caminhos cariocas. O olhar do jornalista é aquele que encontra a relevância no meio das irrelevâncias.

Enquadra a realidade numa ótica de importância para ser transformada em notícia, dentro dos critérios do jornalismo.

Ora, a crônica faz o mesmo dentro dos critérios do sensível de quem a escreve.

O escritor mescla jornalismo e literatura por vezes de forma ousada para a época. Os anos 20 foram para o início do século XX o que os anos 70 foram para o fim dele. Se por um lado era exigido tradicionalismo porque as nações se recuperavam de quatro anos de trincheiras e de uma pandemia global - a Gripe Espanhola -, por outro as pessoas buscavam viver intensamente porque aqueles quatro anos imitaram uma urgência de "aproveitar enquanto pode". João do Rio não estava dormente a essa dicotomia e a colocou em suas crônicas-reportagens.

As crônicas de João narram o presente dele que ainda é presente, mesmo 100 anos depois, pois são sobre o agora e não estão inertes ao entorno.

Um finado professor meu do curso dizia que o bom jornalista vai atrás da notícia, vai para a rua, mantém o olho vivo e uma curiosidade sincera sobre o mundo porque a notícia está nele.



Pensando nesses aspectos, eu me senti contextualizada e fundamentada, com a resposta na língua para as minhas incertezas. Obviamente os tempos são outros, mas eu, como João, não estou dormente aos paradoxos da minha época. Quanto mais se buscam



ferramentas digitais que façam o trabalho de todo mundo - inclusive do jornalista -, mais eu encontro espaço e motivo para o meu experimento comunicacional.

O que escrever como projeto final de um curso de Jornalismo com o qual tive poucas conexões e congruências, uma vez que me sinto mais nativa da Literatura e das produções artísticas, se sou cria do sensível e dos afetos?



01h06m
2640mb

Muniz Sodré emplacou a resposta como João do Rio fez com a inspiração: nós, brasileiros, somos motivados pelo afeto. Não me refiro ao sentido amoroso do afeto, mas à sua forma verbal. Afetar. Somos motivados pelo que nos afeta. Justificamos o irracional com o argumento do afeto. E Muniz Sodré nos orienta que é difícil entender o objeto jornalístico se não considerarmos o afeto. A comunicação não é imparcial e fria - os métodos talvez sejam, mas os motivos e os alvos nunca serão.

Fui afetada por aquele livro que nunca voltou e me fez planejar uma resposta.

Fui afetada por um curso universitário que se vendeu quase como ferramentalógico, mas pontualmente me provocava a pensar.

Quality [fine]

-2 -1 0 +1 +2



Fui afetada por um escritor separado de mim por uma faixa de tempo de 100 anos, mas que falava sobre como a cidade o afetava.

Eu enxerguei o lugar de convergência e de intersecção entre o que eu sou e o que aprendi no curso de Jornalismo, ao longo de noites e de noites, ora após um dia longo de trabalho, ora doente, ora ansiosa por aprender.



A crônica-reportagem se tornou o lugar que fazia sentido para mim, um ponto de partida para derivar - flunar - até onde estava os fatos que me afetavam. É um gênero que une a profundidade investigativa do jornalismo com a subjetividade e a sensibilidade da crônica, partindo do cotidiano para construir uma reflexão sobre temas humanos que falam com o individual e com o coletivo. E pensando nela, eu pensei na minha: fotocrônica. Se João podia transformar uma crônica numa reportagem, unindo "os dois mundos", eu posso transformar uma fotografia numa crônica e conciliar o fotojornalismo à literatura dos fatos.



Crônica

sobre o processo



Fui de uma época em que os artistas guardavam os seus processos criativos como o segredo da Coca Cola, a menos que fosse o seu objetivo ensinar técnicas para outros artistas.

Hoje em dia, no entanto, os métodos de criação se convertem em disciplinas e metodologias - como a Jornada do Herói ou a Apuração Jornalística - e permitem que diversas pessoas se sintam orientadas durante suas produções.

Ensinar o método também permite que haja compreensão sobre a forma como os artistas pensam e refletem a realidade.

Quando comecei a investigar as obras de artistas e de pesquisadores com os quais eu criei vínculos afetivos - conforme a definição de Muniz Sodré sobre essa energia que nos conecta com os fatos e eventos para além do âmbito racional -, me senti ainda mais ligada a eles porque passei a entender como ou para quê fazem determinadas escolhas, como transformaram ou traduzir conceitos e ideias - às vezes bem complexos - em outra linguagem, por vezes mais acessível ao público.

De certa forma é um ato de coragem expor como são feitas as coisas, pois o processo demonstra as nossas limitações, as nossas incapacidades e os erros, muito além daquilo que podemos ou sabemos fazer e da genialidade - caso exista.

Enquanto criava este livro de fotocrônicas - termo que é uma direta inspiração do fotojornalismo, isto é, a fotografia que enquadra o fato -, eu me peguei pensando como poderia explicar algo pessoal como o processo dessa obra.

Debrucei-me no próprio livro e enxerguei suas camadas metodológicas: eu construí uma cascata de etapas as quais estavam conectadas e concatenadas. Primeiro, as fotografias.

Susan Sontag, uma das minhas referências para analisar o que eu havia produzido, menciona em entrevista publicada em 2004 "Cada proyecto fotográfico tiene una intención particular. Y está rodeado de



una gran cantidad de contextos particulares.” Isto é, um projeto fotográfico precisa de um guia para as lentes: o que estou buscando registrar nas objetivas? Qual é o meu propósito?

Com o meu celular em mão, eu buscava momentos no meu dia a dia de onde pudesse extrair narrativas com forte potencial por sua veracidade e por sua subjetividade, sobretudo por ter o tom de “isso acontece no meu bairro” ou “já vi isso na minha cidade”.

Então tive a sensação que ao enquadrar certas coisas no 16x9 do celular Moto G22, apareciam momentos que me convidavam a narrar.

Sabe quando você vê um filme e sente vontade de falar dele com outras pessoas por horas a fio? Era a sensação que me consumia para fotografar e depois escrever aquela ideia. Histórias não são só palavras, mas também imagens, construções, são momentos sinestésicos que a memória sustenta por meio do que gravamos (Sodré, 2012). Do que enquadrados pelos sentidos pelas nossas convenções.

As fotografias são guiadas pelo entendimento do jornalista, ou do fotógrafo-pesquisador, do espaço e dos seus significados e signos, de modo que ele busca na imagem uma história e essa história narra a cidade. Dessa forma, as fotografias são estabelecidas por meio de um enquadramento construtivo e é preciso que o jornalista esteja aberto a reconhecer essas histórias enquanto caminha (cumpre o trajeto do ponto de partida ao ponto de chegada, às vezes pelo mesmo caminho várias vezes, às vezes por caminhos distintos). Essa derivação e os registros contemplam a primeira etapa da pesquisa, que é a construção do corpus visual e de histórias realizado de maio a julho de 2024.

Todas as fotocrônicas deste livro estão localizadas, contextualizadas e são culturalmente produzidas pelas cidades porque são espaços de afetos. E o afeto é essa força motriz que orienta ações, reações e posicionamentos sociais. O espaço não apenas é o cenário para diversos contextos, mas é o produtor de tal, uma vez que atua como personagem produtor de histórias, portanto, de um ponto de vista filosófico, o espaço, sobretudo a cidade se torna um determinante e mediador do social.

No jornalismo, o que determina o valor-notícia é a força que o fato - as histórias - possui para comover o público e gerar interesse - curiosidade - social naquilo que ocorre na realidade.

Dessa forma, para trazer ainda mais força ao argumento narrativo da fotocrônica, a fotografia - uma ferramenta essencial para o jornalismo por conta do seu apelo visual e, pela palavras de Sontag, “Encadrar es excluir” (2004) - contribui para esse projeto como uma parte essencial do texto e se configura como a concretização das escolhas do jornalista ao fazer os cliques na sua câmera - no meu caso, celular -, pois a foto não corresponde à totalidade dos fatos apresentados, mas sim como continuidade ou uma representação visual a partir de uma enquadramento.

Outra influência essencial para a composição fotográficas, e também para as escolhas da diagramação de Viandar, foram as fotografias de Augusto Cesar de Malta (1864-1957), que tal como João do Rio, apresentava a transformação da capital carioca através das décadas, sendo o primeiro fotógrafo oficial da administração municipal da cidade.

Embora suas composições datem do início do século, o seu olhar sobre o urbano, as escolhas narrativas determinadas pelos enquadramentos das objetivas, permitiu que hoje tivéssemos um registro fidedigno do Rio de Janeiro na década de 10 e uma referência pessoal (para mim) de como manter em memória (registro) fotográfica as cidades pelas quais passei.

Foi o primeiro para qual o trabalho iconográfico fui apresentada e através dele soube que não era a única flaneur. Augusto também passeava pelo Rio de Janeiro, de bicicleta, e a partir da necessidade de registrar as transformações urbanas daquela cidade, ele criou uma narrativa visual, um fotógrafo e cronista, portanto a sua prática conduziria a minha. Ter atenção à cidade e às suas mudanças, como o buraco na parede que não existe mais, mas eu acompanhei a sua existência.

Fotos e textos compunham apenas uma parte do livro, pois como eu colocaria no papel? Era insuficiente organizar a foto num canto e o texto no outro, como se não existisse um alinhamento entre ambos. Como eu faria para mostrar ao leitor a conexão que desde o começo estava no registro fotográfico? Preciso fazer uma menção história: a pandemia de Covid-19.





A pandemia trouxe uma nova modalidade de relação entre as pessoas e o fazer. Tudo digital. Tudo é tela. Me adoecia viver cada dia diante de uma tela, então busquei uma forma de trazer à minha rotina a manualidade. Peguei um diário e passei a fazer colagens, desenhos, escrever com caneta os meus sentimentos e o que eu vivia. Dessa forma integrei o scrapbook à minha vida.

Dito isso, a última - e terceira, pois a segunda foi escrever as histórias - da concepção desse projeto foi o projeto gráfico. O como que tanto questionei. Ao livro, não bastaria ter apenas um senso estético, ou para produzir uma aparência bonita, mas precisava elucidar os conceitos que mencionei.

É válido refletir sobre o conceito de valor-notícia como o aspecto da comunicação que determina a relevância de um fato para o seu público e, como sugere Muniz Sodré (2012), as escolhas do jornalismo se baseiam nos afetos, isto é, no quanto aquela informação importa, não importa ou afeta o público - daí o termo afeto.

Um produto que margeia o jornalismo e a literatura e se propõe como um experimento jornalístico não poderia, em primeira instância, escapar à regra de também experimentar na diagramação.

O projeto gráfico do livro, portanto, se colocou como o maior desafio porque ele deve, ainda nessa primeira instância, contribuir para as interpretações que os enquadramentos narrativos e fotográficos estabeleceram.

O scrapbook, do inglês scrap – sucata ou fragmento e book – livro, é um álbum de memórias que combina fotografias, recortes, materiais orgânicos, retalhos e outros itens com uma técnica de colagem e decoração artesanal para expressar a história de alguém de forma criativa e personalizada.

Pode se restringir a um momento, como o nascimento ou o aniversário, ou pode apresentar a vida inteira, numa auto ou apenas biografia visual. A técnica de scrapbooking consiste na montagem dessas páginas ou álbuns decorados seguindo um tema que pode ser definido pelo evento a ser (re)memorado ou por um sentimento a ser concretizado no papel.

A técnica, em tradução livre, pode ser interpretada como rasgo-montagem visto que o objetivo nesse projeto não é apenas representar visualmente a

cidade ou as histórias que dela são retiradas. Valho-me das palavras de Ivy Martins para esclarecer melhor:

“O termo imagem tem como raiz o conceito de imago, da Psicologia. Seu sentido é de representação mental, produto sintético e intangível da imaginação individual e, por extensão, do imaginário coletivo”. (2021, p.24)

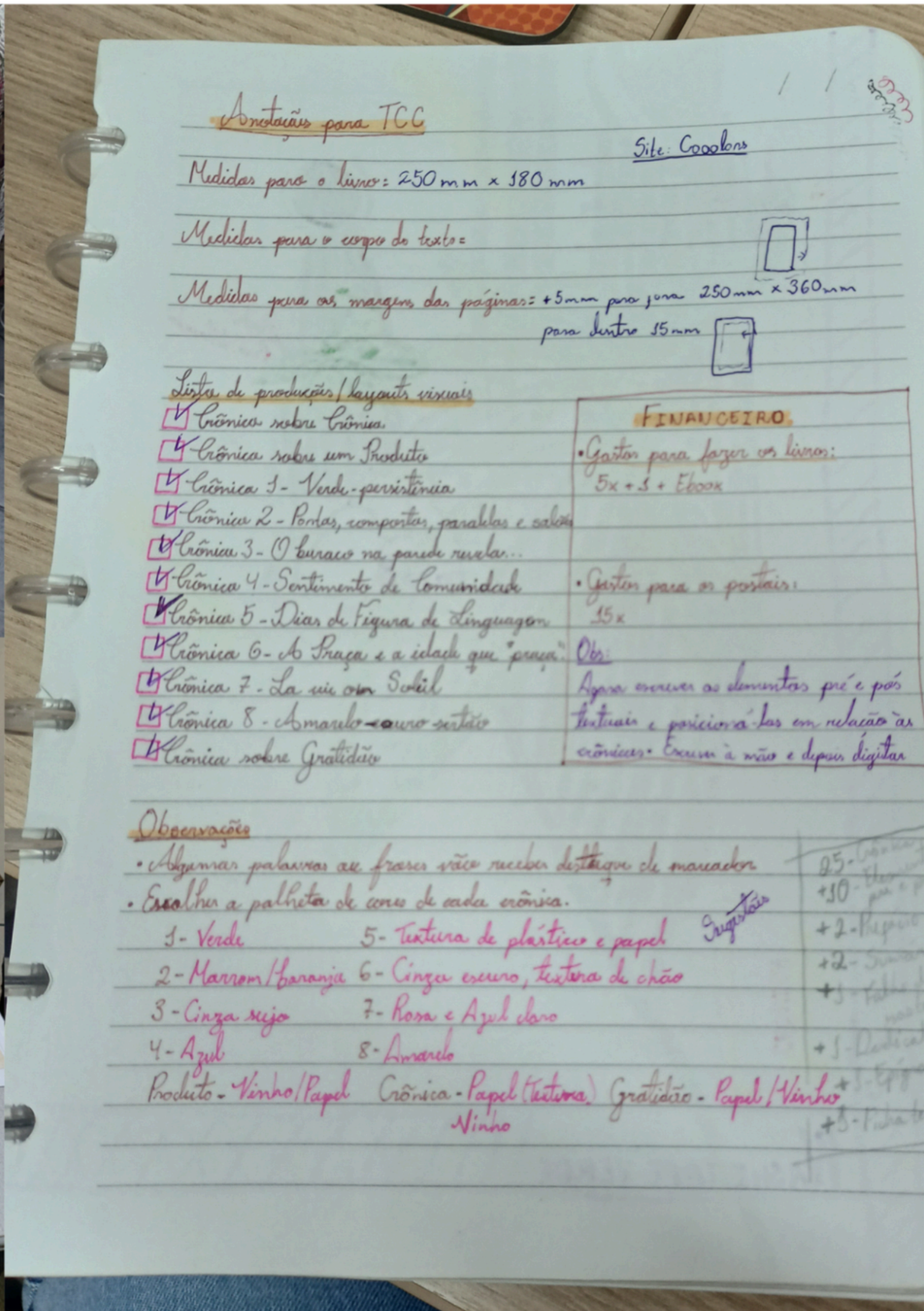
Dessa forma, a diagramação através das imagens, texturas, recortes, rasgados, colagens e outros aspectos seguem o mesmo critério narrativo estabelecido pelos enquadramentos - esta palavra se torna um guia - das fotos e do texto.

A diagramação usando a técnica de rasgo-montagem se define como um método narrativo que dá sentido e sequência ao que parece, no primeiro momento, uma colcha de retalhos amontoadas, mas parte da ideia de que os signos (Martins, 2021) - elementos que representam algo para alguém - podem ser sistematicamente aplicados ao processo de criação gráfica, oferecendo profundidade simbólica e coerência comunicacional às marcas.

O design gráfico não é apenas estética, não é deixar bonito para quem vai ler este livro, mas uma forma de linguagem que comunica valores, identidades e intenções. Eu sabia que todos esses aspectos não se concretizariam via digital, embora hajam programas de computador e inteligência artificiais que permitam replicar a manualidade.

Me propus um desafio e tanto - encorajada pelos dois orientadores: diagramar a mão. Tanto quanto cada foto era significativa e termo integrante da crônica, cada crônica deveria ter suas páginas particulares com referências e menções em forma de cores, signos, símbolos, aspectos que ultrapassam o senso estético para construir uma linguagem complementar. Eu faria à mão a comunicação visual do livro, desde a sua capa até a numeração das páginas.

A partir das fotografias, determinei a paleta de cores que conversaria com cada crônica. Escolhi quais frases, expressões ou palavras dos meus textos seriam convertidos direta ou indiretamente em símbolos e imagens que estariam no entorno ou integrados à página. Optei por uma folha de tamanho A3 porque eu não queria perder nitidez e entender melhor a organização de cada página.





Criei um molde de papel conforme as demarcações de limite para o texto, para a imagem e para a sangria e sobre ele esbocei todos os oito projetos visuais das oito crônicas, além dos elementos pré-textuais, pós-textuais, os detalhes, a capa e a quarta capa.

E durante os meses de dezembro e janeiro produzi cada aspecto da comunicação visual, sempre me recordando de que no fim aquilo tudo viraria um livro impresso.

Para mim, eu tinha melhor noção de qual história estava comunicando, pois cada detalhe deveria estar dentro da coerência que eu havia construído inicialmente com as fotografias.

Como mencionei antes, a pandemia me permitiu o hábito de usar diversos materiais para me expressar conforme a minha necessidade - alguns materiais foram comprados, outros aproveitados de embalagens, folhetos, coisas que iriam para a reciclagem e semelhantes, mas que ganharam outro sentido para mim -, de modo que após três anos eu não tive de empregar a mesma técnica já explicada no meu livro, tampouco tive dificuldade de sistematizá-la num método que eu conseguia reproduzir de forma sutil em todas as páginas a fim de garantir uma unidade dentro do coletivo visual.

Linhas retas e curvas coloridas, recortes de fotografias, o rasgo do papel, tais aspectos me permitiram afastar o receio de bagunça visual e fundamentou o projeto gráfico como uma colcha de retalhos bem alinhados num propósito comunicativo e narrativo.

Não é presunção minha afirmar que tive a felicidade de escolher um caminho que me ajudou a desviar do típico estresse esperado na construção de um TCC tão complexo quanto este livro. Tanto usei o rasgo-montagem de maneira crítica - para apurar os meus textos a partir de outra linguagem que converte para as duas já referidas -, como também para relaxar e não me frustrar. E, por que não, para dar vazão à minha própria natureza artística - que encontra espaço em projetos jornalísticos que fogem das produções convencionais ou ditas mais tradicionais. Uma vez que as páginas ficaram prontas, segui para o digital a fim de preparar cada parte para ser impressa e depois costurada na obra final.



A típica gratidão a Deus - Aquele em quem eu acredito - deixo para as minhas orações. Penso eu que certos aspectos deixamos para a nossa vida privada, algo cada vez mais difícil de se manter em tempos de ultraexposição social. Parada diante do computador, eu me peguei pensando na diferença etimológica entre dizer obrigada e dizer grata. Obrigada vem de obrigar, de se colocar à obrigação para alguém que lhe fez algo - é a mesma palavra que usamos ao impor uma obrigação a uma pessoa. Grata vem de graça, um reconhecimento por algo bom sem qualquer coisa em troca, nem mesmo impor a própria gratidão.

Sendo assim, não direi obrigada a ninguém.

Aos outros, eu direi: sou grata.

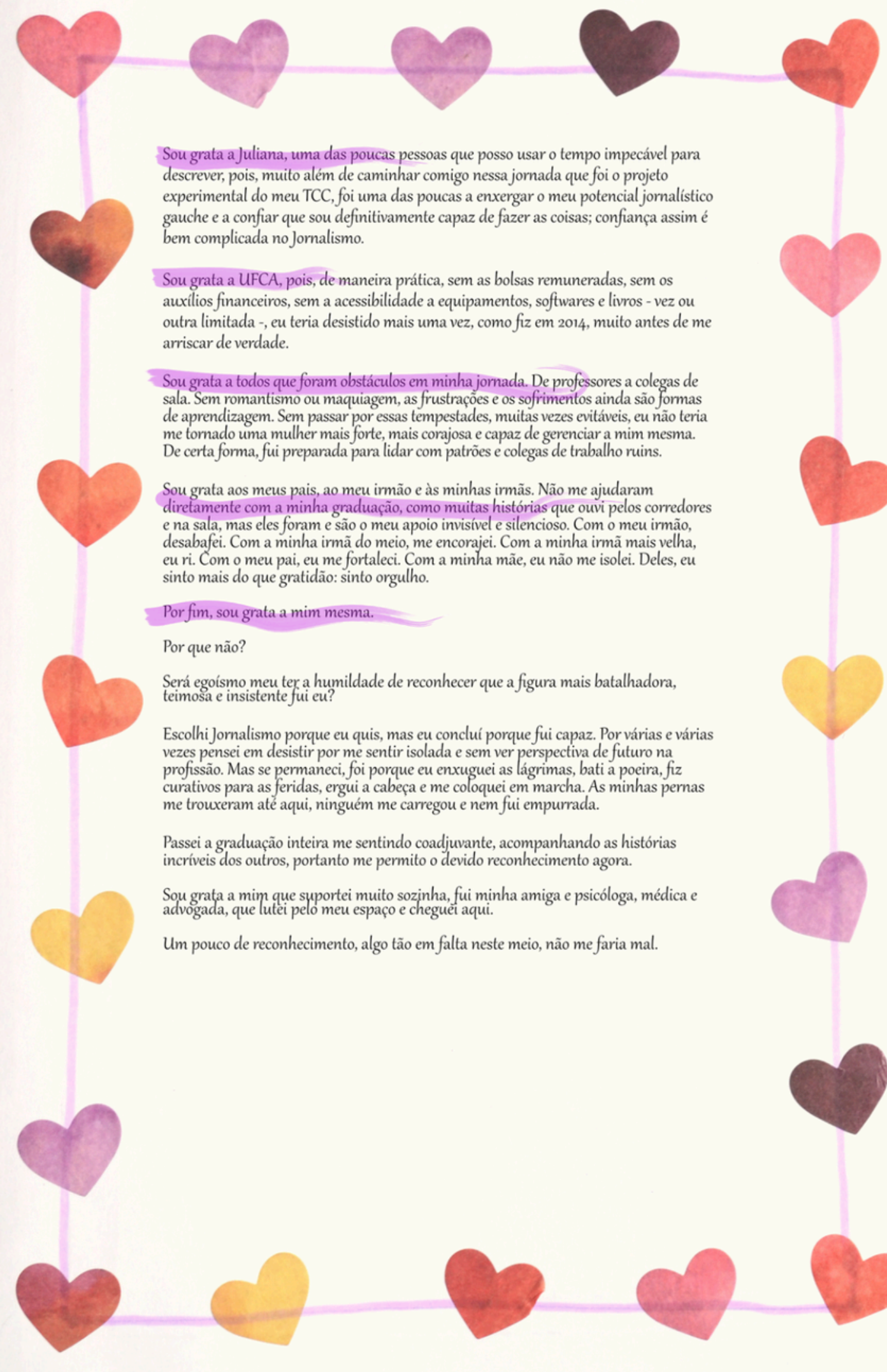
Boa parte da minha jornada acadêmica foi solitária e em poucos trabalhos eu realmente tive ajuda de alguém, seja por precisar, seja porque alguém se ofereceu ao perceber a minha angústia.

Então, por saber que foram poucos, eu sei que foram sinceros e reais para mim.

Sou grata a Paulo e Évila, amigas que começaram de forma improvável e adulta, se posso dizer, e foram com eles que tive os meus melhores jantares, os meus melhores debates e com eles bastava um olhar para expor todos os meus sentimentos sufocados em relação a colegas de sala, a professores e a administração.

Sou grata a Paulo Anaximandro porque, de todos os professores que passaram por mim pelo curso, foi um dos poucos a me ensinar com a sabedoria de um mestre e o encorajamento de um desbravador que sabia das minhas inseguranças e mesmo assim disse "Vamos testar".

Sou grata a Elane, a primeira figura docente que definitivamente me inspirou e me mostrou dentro daquela universidade que eu não precisava seguir o mesmo caminho dos outros no Jornalismo, que havia espaço para a pesquisa com a sensibilidade tão típica da minha pessoa; além de reacender o meu amor pela fotografia e encontrar nela as raízes para o meu TCC.



Sou grata a Juliana, uma das poucas pessoas que posso usar o tempo impecável para descrever, pois, muito além de caminhar comigo nessa jornada que foi o projeto experimental do meu TCC, foi uma das poucas a enxergar o meu potencial jornalístico gauche e a confiar que sou definitivamente capaz de fazer as coisas; confiança assim é bem complicada no Jornalismo.

Sou grata a UFCA, pois, de maneira prática, sem as bolsas remuneradas, sem os auxílios financeiros, sem a acessibilidade a equipamentos, softwares e livros - vez ou outra limitada -, eu teria desistido mais uma vez, como fiz em 2014, muito antes de me arriscar de verdade.

Sou grata a todos que foram obstáculos em minha jornada. De professores a colegas de sala. Sem romantismo ou maquiagem, as frustrações e os sofrimentos ainda são formas de aprendizagem. Sem passar por essas tempestades, muitas vezes evitáveis, eu não teria me tornado uma mulher mais forte, mais corajosa e capaz de gerenciar a mim mesma. De certa forma, fui preparada para lidar com padrões e colegas de trabalho ruins.

Sou grata aos meus pais, ao meu irmão e às minhas irmãs. Não me ajudaram diretamente com a minha graduação, como muitas histórias que ouvi pelos corredores e na sala, mas eles foram e são o meu apoio invisível e silencioso. Com o meu irmão, desabafei. Com a minha irmã do meio, me encorajei. Com a minha irmã mais velha, eu ri. Com o meu pai, eu me fortaleci. Com a minha mãe, eu não me isolei. Deles, eu sinto mais do que gratidão: sinto orgulho.

Por fim, sou grata a mim mesma.

Por que não?

Será egoísmo meu ter a humildade de reconhecer que a figura mais batalhadora, teimosa e insistente fui eu?

Escolhi Jornalismo porque eu quis, mas eu concluí porque fui capaz. Por várias e várias vezes pensei em desistir por me sentir isolada e sem ver perspectiva de futuro na profissão. Mas se permaneci, foi porque eu enxuguei as lágrimas, bati a poeira, fiz curativos para as feridas, ergui a cabeça e me coloquei em marcha. As minhas pernas me trouxeram até aqui, ninguém me carregou e nem fui empurrada.

Passei a graduação inteira me sentindo coadjuvante, acompanhando as histórias incríveis dos outros, portanto me permito o devido reconhecimento agora.

Sou grata a mim que suportei muito sozinha, fui minha amiga e psicóloga, médica e advogada, que lutei pelo meu espaço e cheguei aqui.

Um pouco de reconhecimento, algo tão em falta neste meio, não me faria mal.

Expediente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA) para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Autora

Francisca Ayanny Pereira Costa

Orientação

Juliana Lotif Araujo

Paulo Anaximandro Tavares

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Francisca Ayanny Pereira Costa

Fotografia

Francisca Ayanny Pereira Costa

Revisão

Juliana Lotif Araujo

Paulo Anaximandro Tavares

1ª edição MARÇO de 2026
papel do miolo OFFSET 75mg
papel da capa KRAFT 420mg revestido
tipografia GABRIOLA



Referências

DEBORD, Guy. Teoria da deriva. Revista Internacional Situacionista, n. 2, 1958. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_deriva. Acesso em: 07 out. 2025.

ESPADA. Arcadi. A necessidade da Imagem. Entrevista com Susan Sontag. Tradução. LETRAS IN.VERSO E RE.VERSO. 2024. Disponível em <<https://www.blogletras.com/2024/12/a-necessidade-da-imagem-entrevista-com.html>> Acesso em 02/07/2023

ESPADA. Arcadi. La necesidad de la imagen: entrevista con Susan Sontag. Revista Letras Libres. 2004. Disponível em <<https://letraslibres.com/revista-espana/la-necesidad-de-la-imagen-entrevista-con-susan-sontag/>> Acesso em 02/07/2023

MARTINS, Ivy Francielle Martins. PEIRCEIVE: as 10 classes de signos de Charles Sanders Peirce como ferramenta de projeto do design para a concepção gráfica de marcas. 2021. 243 f. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, UEMG, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/15291>. Acesso em: 07 out. 2025.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROLNIK, Raquel. O que é a cidade. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).

SODRÉ, Muniz. Jornalismo como campo de pesquisa. Brazilian Journalism Research, v. 10, n. 2, p. 124–133, 2010. Disponível em: <https://bjr.emnuvens.com.br/bjr/article/view/742>. Acesso em: 07 out. 2025.

SODRÉ, Muniz. Comunicação e Jornalismo. Ciência & Letras, Canal Futura, 2012. Entrevista concedida a Renato Farias. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YwWZzZKXzvl>. Acesso em: 07 out. 2025

SONTAG, Susan. Sobre a fotografia. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TENDLER, Silvio. Por uma outra globalização. Direção: Silvio Tandler. Produção: Caliban Produções Cinematográficas. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – Secretaria das Culturas / RIOFILME, 2004. Documentário. 89 min



oras que estou bem

pandemia de 2019 Eu fui por. Mesmo sabendo que sou mulher e vezes estamos
alongar as costas e os braços. Com ressalvas. Vou para o trabalho eu subo e
volta das 3:00 da tarde e já não posso perceber ou não o mundo ao aonde eu morei

Fui comprar pastel na calçada e desligar, prestar ou não atenção. Foi nesse
ao lado do ou alongar as costas São Domingos. Esse rece, eu vi essa
de Juazeiro do Norte, mas só para q' da praça onde vendes
le, abaixo de uma calhe suja do esgoto e espalham cadeiras,

quei o muro por dentro e uma área até então é um gr's vozes se espalham
xo. Nada. Eu dei uma risada úta, enxerguei a área de longe para ser
co na parede e atrás dele eu vi o p' custo de caminhar para onde preciso ir. Me
e ficaria frustrada e chateada po' n para as mulh. Deve rezar pela

para parte das minhas n' nta, tem horas que estou ac' sim em nossas jornadas, flutuando entre o ligar quando, em pa
para s' passado da Usina, e daquele taco s jornadas, flutuação a Avenida Carlos
rotas

u teria agora na vida que o resultado era a única coisa Carlos Cruz
dentro do transporte que, margens para novas pergun' os lugares onde estou. Fui na companhia de
le, mas é deslocamento e próximo de áreas de turmeira vez em 30 anos da minha vida e
assim: passagens criticar da festa pelo tarde. Eu procurava uma pauta e uma foto

No dia 8 de ju' ero sentir ou vive' históricos da cidade, mas de repente começo a
caminhei a pé, como festa e apreciar não é mais popular como antigamente, então
um bom amigo que me ajud' i registrar o, até os degraus são grandes

para um trabalho da faculdade, en' chamou atenção para o Atacadão realizar outro serviço de
ouvir a voz do cantor Roberto Carlos e isso me' misando preços, avaliando
qual era o sentido de colocar a sua voz nos at' na posição. O vazio estava emoldurado por
Essas ideias ficaram na minha cabeça por muito tempo, até quando fui pa' de rua perpendicular a ela e era nada.

manutenção: a feira do mês, compra de mercado. Após passar quase 3 horas pesqui
opções, selecionando o que é mais imediato para casa, me estressando com o poder de con
Essas ideias ficaram na minha cabeça por muito tempo, até quando fui pa' a saltou aos meus olhos no vest
manutenção: a feira do mês, compra de mercado. Após passar quase 3 horas pesqui
opções, selecionando o que é mais imediato para casa, me estressando com o poder de con



ANEXO
DECLARAÇÃO

Curso Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Data e local da assinatura eletrônica

 Documento assinado digitalmente
JULIANA LOTIF ARAUJO
Data: 25/05/2026 16:56:06-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>